

O NAVIO NEGREIRO

Tragédia no Mar

1ª

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — doirada borboleta —
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar...Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar...abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os córceis o pó levantam
Galopam, voam, mas não deixam traço

Bem feliz quem ali pode nest' hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meus Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra — é o mar que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...

Porque foges assim, barco ligeiro?
 Porque foges do pávido poeta?
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviatã do espaço!
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

2^a

Que importa do nauta o berço,
 Donde é filho, qual seu lar?...
 Ama a cadência do verso
 Que lhe ensina o velho mar!
 Cantai! Que a noite é divina!
 Resvala o brigue à bolina
 Como um golfinho veloz.
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
 Requebradas de languor,
 Lembram as moças morenas,
 As andaluzas em flor.
 Da Itália o filho indolente
 Canta Veneza dormente
 — Terra de amor e traição —
 Ou do golfo no regaço
 Relembra os versos do Tasso
 Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
 Que ao nascer no mar se achou —
 (porque a Inglaterra é um navio
 que Deus na Mancha ancorou)
 Rijo entoa pátrias glórias,
 Lembrando orgulhoso histórias
 De Nelson e de Aboukir.
 O Francês — predestinado —
 Canta os louros do passado
 E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Helenos,
 Que a vaga iônia criou,
 Belos piratas morenos
 Do mar que Ulisses cortou,
 Homens que fídias talhara,
 Vão cantando em noite clara

Versos que Homero gemeu...
 ...Nautas de todas as plagas...!
 Vós sabeis achar nas vagas
 As melodias do céu....

3ª

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
 Desce mais, ainda mais.... não pode o olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador
 Mas que vejo eu ali... que quadro de armaduras!
 Que cena funeral cantar!... Que tétricas figuras!...
 Que cena infame e vil!... meu Deus! Que horror!

4ª

Era um sonho dantesco... O tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...

Negras mulheres , suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas, espantadas
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Se o velho arqueja... se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece...
 Outro, que de martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri

No entanto o capitão manda a manobra
 E após, fitando o céu que se desdobra
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 “ Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da roda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais!
 Qual num sonho dantesco as sombras voam...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

5ª

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus...
 Ó mar! porque não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?...
 Astros! noite! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós,
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são?... Se a estrela se cala,
 Se a vaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa musa,
 Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde voa em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados,
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão...
 Homens simples, fortes, bravos...
 Hoje míseros escravos,
 Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas
 Como Agar o foi também
 Que sedentas, alquebradas
 De longe... bem longe vêm...
 Trazendo com túbios passos,
 Filhos e algemas nos braços,
 N' alma – lágrimas e fel.

Como Agar sofrendo tanto
 Que nem o leite do pranto
 Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram — crianças lindas,
 Viveram — moças gentis...
 Passa um dia a *caravana*,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus...

... Adeus! ó choça do monte!...
 ... Adeus! palmeiras da fonte!...
 ... Adeus! amores... adeus!...

Depois o areal extenso...
 Depois, o oceano de pó...
 Depois no horizonte imenso
 Desertos... desertos só...

E a fome, o cansaço, a sede
 Ai! quanto infeliz que cede,
 E cai p'ra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na *cadeia*,
 Mas o chacal sobre a areia
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão...

Hoje... o *porão* negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... Cum'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra... morrer...
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim roubados à morte,
 Dança a lúgubre coorte

Ao som do açoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus...
 Ó mar, porque não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?...
 Astros! noite! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...

6^a

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?!...
 Silêncio!... Musa! chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do Sol encerra,
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu, que da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu na vaga,
 Como um íris no pélagos profundo!...
 ... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

S. Paulo, 18 de Abril de 1868.

VOZES D'ÁFRICA

Deus! ó Deus onde estás que não respondes?
 Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
 Ha dois mil anos te mandei meu grito,
 Que embalde, desde então, corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
 Do deserto na rubra penedia,
 — Infinito: galé!...
 Por abutre — me deste o Sol candente,
 E a terra de Suez — foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
 Sob a vergasta tomba ressupino,
 E morre no areal.
 Minha garupa sangra, a dor poreja,
 Quando o chicote do *simoun* dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
 Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
 Dos *harens* do Sultão.
 Ou no dorso dos brancos elefantes
 Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
 O Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de corais...
 A brisa de Misora o céu inflama;
 E ela dorme nos templos do Deus Brama,
 — Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
 A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortesã.
 Artista — corta o mármore de Carrara;
 Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
 No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
 Ora uma c'rôa, ora o *barrete frígio*
 Enflora-lhe a cerviz.
 O Universo após ela — doudo amante —
 Segue cativo o passo delirante
 Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
 Em meio das areias esgarrada,
 Perdida marchando em vão!
 Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
 Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
 Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra na floresta...
 Para cobrir-me nem um templo resta
 No solo abrasador...
 Quando subo às pirâmides do Egito,
 Embalado aos quatro céus chorando grito:
 “Abrija-me, Senhor!...”

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
 Velo a cabeça no areal, que volve
 O siroco feroz...
 Quando eu passo no Saara amortalhada...
 Ai! dizem: “Lá vai África embuçada
 No seu branco Albornoz...”

Nem vêem que o deserto é meu sudário
 Que o silêncio campeia solitário
 Por sobre o peito meu.
 Lá no solo onde o cardo apenas medra
 Boceja o Esfinge colossal de pedra
 Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
 As cegonhas espiam debruçadas
 O horizonte sem fim
 Onde branqueja a caravana errante
 E o camelo monótono, arquejante
 Que desce de Efrain...

Não basta ainda de dor, ó Deus terrível?!
 É, pois, teu peito eterno, inexaurível
 De vingança e rancor?...
 E que é que fiz senhor? que torvo crime
 Eu cometi jamais que assim me oprime
 Teu gládio vingador?!...

Foi depois do Dilúvio... Um viandante,
 Negro, sombrio, pálido, arquejante,
 Descia do Arará...
 E eu disse ao peregrino fulminado:
 “Cão!... serás meu esposo bem amado...
 — Serei tua Eloá...”

Deste este dia o vento da desgraça

Por meus cabelos ululando passa
 O Anátema cruel.
 As tribos erram do areal nas vagas
 E o nômade faminto corta as plagas
 No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
 Vi meu povo seguir — judeu maldito —
 Trilho da perdição.
 Depois vi minha prole desgraçada
 Pelas garras d'Europa — arrebatada —
 Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte...
 Teu sangue não lavou da minha fonte
 A mancha original.
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos — alimária do universo,
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
 — Condor que transforma-se em abutre
 Ave da escravidão,
 Ela juntou-se às mais... irmã traidora
 Qual de José os vi irmãos outrora
 Venderam seu irmão.

Basta, senhor! De teu potente braço
 Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!...
 Há dois mil anos... eu soluço um grito...
 Escuta o brado meu lá no infinito
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

S. Paulo, 11 de junho de 1868.

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez p'ra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o Sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

O Sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a *papa-ceia!*

Aquelas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro.”

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
P'ra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do Sol nascer,

E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beija-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo

Recife, 1863.

O SÉCULO

O SÉC'LO é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.
Como o Cristo a liberdade
Sangra no poste da cruz.
Um corvo escuro, anegrado,
Obumbra o manto azulado,
Das asas d'águia dos céus...
Arquejam peitos e fronte...
Nos lábios dos horizontes
Há um riso de luz... É Deus.

Às vezes quebra o silêncio
Ronco estrídulo, feroz.
Será o rugir das matas,
Ou da plebe a imensa voz?...
Treme a terra triste e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
Ou do povo o braço ousado
Que, sob mortes calcado,
Abala-os como um titão?!...

Ante esse escuro problema
Há um irônico rir.
Pra nós o vento da esp'rança
Traz o pólen do porvir.
E enquanto o cepticismo
Mergulha os olhos no abismo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os nevoeiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o Sol que irrompe além.

Toda noite — tem auroras,

Raios – toda a escuridão.
 Moços, creiamos, não tarda
 A aurora da redenção.
 Gemer — é esperar um canto...
 Chorar — aguardar que o pranto
 Faça-se estrela nos céus.
 O mundo é o nauta nas vagas...
 Terá do oceano as plagas
 Se existem justiça e Deus.

No entanto inda há muita noite
 No mapa da criação.
 Sangra o abutre tirano
 Muito cadáver-nação.
 Desde a Polônia esvaída,
 Cataléptica, adormida,
 À tumba do Sobieski;
 Inda em sonhos busca a espada...
 Os reis passam sem ver nada...
 E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sobre o peito
 O pesadelo dos reis!
 A Grécia espera chorando
 Canaris... Byron talvez!
 Napoleão amordaça
 A boca da populaça
 E olha Jersey com terror;
 Como o filho de Sorrento,
 Treme ao fitar um momento
 O Vesúvio aterrador.

A Hungria é como um cadáver
 Ao relento exposto nu;
 Nem sequer a abriga a sombra
 Do foragido Kossuth.
 Aqui — o México ardente,
 — Vasto filho independente
 — Da liberdade e do Sol —
 — Jaz por terra... e lá soluça
 Juarez, que se debruça
 E diz-lhe: “Espera o arrebol!”

O quadro é negro. Que os fracos
 Recuem cheios de horror.
 A nós, herdeiros dos Gracos,
 Traz a desgraça — valor!
 Lutai... há uma lei sublime
 Que diz: “À sombra do crime

Há de a vingança marchar”.
 Não ouvis do Norte um grito,
 Que bate aos pés do infinito,
 Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
 Que brada aos moços — “de pé!”
 É o Sol das liberdades
 Que espera por Josué!...
 São bocas de mil escravos
 Que transformaram-se em bravos
 Ao cinzel da abolição.
 E — à voz dos libertadores —
 Reptis saltam condores,
 A topetar n'amplidão!....

E vós, arcas do futuro,
 Crisálidas do porvir,
 Quando vosso braço ousado
 Legislações construir,
 Levantai um templo novo,
 Porém não que esmague o povo,
 Mas lhe seja o pedestal.
 Que ao menino dê-se a escola,
 Ao veterano — uma esmola...
 A todos — luz e fanal!

Luz!... sim; que a criança é uma ave,
 Cujos porvires tendes vós;
 No Sol — é uma águia arrojada,
 Na sombra — um mocho feroz.
 Libertai tribunas, prelos...
 São fracos, mesquinhos elos...
 Não calqueis o povo-rei!
 Que este mar d'almas e peitos,
 Com as vagas de seus direitos,
 Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,
 Faça-se dele — uma cruz!
 A purpura sirva ao povo
 P'ra cobrir os ombros nus.
 Que aos gritos do Niagara
 — Sem escravos, — Guanabara
 Se eleve ao fulgor dos sóis!
 Banhem-se em luz os prostíbulos,
 E das lascas dos patíbulos
 Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade

É o Moisés no Sinai;
 Das mãos do Eterno recebe
 As tábuas da lei! — marchai!
 Quem cai na luta com gloria,
 Tomba nos braços da historia,
 No coração do Brasil!
 Moços, do topo dos Andes,
 Pirâmides vastas, grandes,
 Vos contemplam séc'los mil!

Pernambuco, agosto de 1865.

A VISÃO DOS MORTOS

Nas horas tristes que em neblinas densas
 A terra envolta num sudário dorme,
 E o vento geme na amplidão celeste
 — Cúpula imensa dum sepulcro enorme, —
 Um grito passa despertando os ares,
 Levanta as lousas invisível mão.
 Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Saara
 Surge um fantasma com soberbo passo,
 Presos os braços, laureada a fronte,
 Louco, poeta, como fora o Tasso.
 Do Sul, do Norte, do Oriente irrompem
 Dórias, Siqueiras e Machado então.
 Vem Pedro Ivo no cavalo negro
 Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido
 Lá se destaca das cerúleas telas,
 Pelos cabelos a cabeça erguendo,
 Que rola sangue, que espadana estrelas.
 E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,
 Que amassa um povo na robusta mão:
 O vento agita do tribuno a toga
 Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range... estremecendo move-se
 O rei de bronze na deserta praça.
 O povo grita: Independência ou morte!

Vendo soberbo o Imperador, que passa.
 Duas coroas seu cavalo pisa,
 Mais duas cartas ele traz na mão.
 Por guarda de honra tem dous povos livres,
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Então, no meio, de um silêncio lúgubre,
 Solta este grito a legião da morte:
 “Aonde a terra que talhamos livre,
 Aonde o povo que fizemos forte?
 Nossas mortalhas o presente inunda
 No sangue o escravo, que nodoa o chão.
 Anchietas, Gracos, vós dormis na orgia,
 Da lua pálida ao fatal clarão.

“Brutus renega a tribunícia toga,
 O apost’lo cospe no Evangelho Santo,
 E o Christo — Povo, no Calvário erguido,
 Fita o futuro com sombrio espanto.
 Nos ninhos d’aguas que nos restam? — Corvos.
 Que vendo a pátria se estorcer no chão,
 Passam, repassam, como alados crimes,
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Oh! é preciso inda esperar cem anos...
 Cem anos!...” brada a legião da morte.
 E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
 Sacode o grito soluçando, — o norte.
 Sobre os corceis dos nevoeiros brancos
 Pelo infinito a galopar lá vão...
 Erguem-se as névoas como pó do espaço
 Da lua pálida ao fatal clarão.

Recife, 8 de dezembro de 1885.

MATER DOLOROSA

Meu filho, dorme, dorme o sono eterno
 No berço imenso, que se chama — o céu.
 Pede às estrelas um olhar materno,
 Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
 As asas de ouro vais além abrir.
 Ai! rosa branca no matiz tão pálida,
 Longe, tão longe vais de mim florir.

Meu filho, dorme... Como ruge o norte
Nas folhas secas do sombrio chão!...
Folha dest'alma como dar-te à sorte?...
É tredo, horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem termo
Bebi a força de matar-te... a mim...
Viva eu cativa o soluçar num ermo...
Filho, sê livre... Sou feliz assim...

— Ave — te espera da lufada o açoite,
— Estrela — guia-te uma luz falaz.
— Aurora minha — só te aguarda a noite,
— Pobre inocente — já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...
Deus me perdoa... me perdoa já.
A fera enchente quebraria o vime...
Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno...
No berço imenso, que se chama o céu.
Pede às estrelas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Recife, 7 de Junho de 1865.